

O PROJETO POLÍTICO DO PRÍNCIPE AUGUSTO E AS LENDAS DE FUNDAÇÃO DE ROMA

Autora: Lidiany Kall Gomes Pereira*

Orientadora: Marinalva Vilar de Lima**

No final do século I a.C., após um período de revoltas, lutas políticas e de guerras civis, que marcariam o fim da República e o início do Império, Roma desfrutaria finalmente de uma época de paz, com ascensão de Otávio¹ ao poder em 27 a .C. Ele propôs um novo regime centralizado em torno de si próprio.

Como fundador do Império Romano estabeleceu o Principado, era o *princeps* (PARATORE, 1035, p.29) de Roma, *designado pontifex maximus da religião e dos ritos, com uma autoridade incontestada* (GRIMAL, 1997, p.09) além de chefe do Senado, conferindo-lhe um consentimento geral de domínio. Aos poucos concentrou todos os poderes, pois a sua vontade era lei e deveria ser cumprida, foi agraciado pelo Senado com o título de *Augusto*² honraria aceita com altivez. Agora poderia dedica-se à construção e manutenção da Roma “Ideal”, aquela que fora apenas vista no seu passado. Procurou inicialmente manter as aparências republicanas, percebeu que não chegaria, e até mesmo não permaneceria no poder, apenas utilizando-se da força, não era a sua intenção tornasse um ditador, assim como o Senado caracterizou Júlio César (100 a .C.-44a.C), que pertenceu ao primeiro triunvirato³, bastaria apenas fazer um elo de ligação com os laços divinos de seu pai adotivo⁴ e a própria Roma originária.

Augusto não lhe permitiria o mesmo destino de César, objetivava governar com o apoio de todos e, na verdade obteve. Sua popularidade, habilidade, força, autoridade de

* Aluna do IV semestre do curso de História da UFCG

** Professora da área de História Antiga e Medieval da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG. Doutora em História Social pela USP. Líder do Grupo de Estudos Culturais/UFCG. Membro do Conselho Consultivo da SBEC

¹ Nasceu em Roma, em 23 de outubro de 63 a .C., descendente de uma família de aristocratas. Cf.: PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad.: Manuel Rosa, S. J. Lisboa: Fundação Calouste Gullenkian, 1035, p.29

² O termo, aparentado com o termo religioso *augur*, significava que o novo senhor tinha o poder divino de começar tudo sob felizes auspícios. A sessão do Senado de 16 de janeiro de 27, durante a qual Octávio foi chamado pela primeira vez de Augusto, adquire assim o valor de uma segunda Fundação: um novo pacto firmado entre a cidade e os seus deuses, pacto encarnado na pessoa do Príncipe. Cf.: GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 1993, p.51.

³ Primeiro Triunvirato: Foi uma aliança política estabelecida em 59a.C-53a.C., entre Júlio César, Pompeu e Marco Licínio Crasso. Idem, p.126.

⁴ Na verdade Octávio era sobrinho de César, por via feminina, mas em 44 a . C. apenas com dezenove anos foi designado herdeiro e filho adotivo, constatado no testamento de seu tio; assumindo assim, o nome de C. Júlio César Octaviano. Cf.: PARATORE, Ettore. Op., cit., 1035, p.29.

administração, suas vitórias militares, seus cargos, sua origem aristocrática⁵, etc., se tudo isso não lhe dessem autoridade para esse poder, as letras serviriam de grande alicerce e suposta legitimação. É certo que os discursos já não se faziam tão presentes como na época de César (GRIMAL, 1997, p. 76), então caberia a literatura preencher essa lacuna aberta e influenciar a todos os habitantes da Roma, desde o Senado até a Plebe. Com isso, o Príncipe incentivou o desenvolvimento cultural e tentou recuperar as crenças religiosas e purificar os costumes, para construir uma identidade romana em oposição da helenização da sociedade (GRIMAL, 1997, p.38-39). *Pelas novas leis votadas sobre minha proposição, eu restabelecerei costumes de nossos ancestrais que caem em desuso*⁶. Lutando contra decadência destes, já que devido às constantes mudanças políticas eles estavam desgastados, *soube traçar objetivos claros, escolher os verdadeiros amigos e definir os inimigos* (GRIMAL, 1997, p. 07), além disso, construiu uma extensa propaganda através da literatura para edificar sua imagem:

Octávio, filho de César e adotado como Júlio César Octaviano, adorado pela arraia miúda como um deus, era o seu herdeiro, tinha que ser forçosamente um deus. Não diziam os mitos que Enéias, príncipe troiano (...) antepassado da gens Iulia? Não descendia também Rômulo, filho de uma deusa, Vênus, amada pelos Romanos? (...) Não era convicção generalizada entre as forças vivas da sociedade e da cultura de então que uma nova era estaria para chegar, uma nova Idade de Ouro, uma era de paz e prosperidade sem igual para o Universo? O poeta Virgílio foi uma dessas almas místicas. Os deuses queriam-no. E Roma e o Império aclamaram-no (GRIMAL, 1997, p. 11).

Eram típicos os poetas relatarem os feitos e proezas de grandes homens. E estes, seriam imprescindíveis às intenções do príncipe. Por isso, desde cedo Augusto viu-se cercado por um grupo de letrados apoiados por Caius Mecenas⁷ (68 a .C.-8a.C), que incentivou o Príncipe a concentrar os melhores poetas da época em Roma, tornando a cidade um centro intelectual do Império. Hábil, Otávio sempre valorizou as artes, e estas lhe serviriam como um grande instrumento de difusão de suas idéias e propagação de seus princípios, uma forma de promover o conhecimento e aceitação dos mesmos. De modo que, prevalecia entre os romanos um desejo latente de restauração e paz, e apenas “um homem” (não comum aos

⁵ Aristocracia: Do grego *aristoi* (melhores) e *kratos* (poder), significando literalmente o governo dos melhores. Segundo Aristóteles, é um governo confiado às mãos dos melhores cidadãos, sem distinção de riqueza ou nascimento. Segundo Platão, encerra a situação de *aristoi* uma condição moral, sábia e virtuosa acima dos demais, sendo o governo dos sábios.

⁶ AUGUSTE. *Res Gestae*. Tradução francesa, cap. 8. Disponível em <<http://www.class.ulg.ac.be>>.

⁷ Mecenas foi um dos primeiros patronos da arte. Ficou tão conhecido pelo incentivo que proporcionou a esses tipos de produções que seu nome ressurgiu na época do Renascimento, na Europa Ocidental, entre os séculos XIVe XVI, simbolizando os homens ricos que davam condições materiais para a produção dessas expressões artísticas.

demais, o que se destacasse da grande massa da população) seria capaz de garantir a estabilidade e organização.

Tal é realmente o papel consignado por Augusto e Mecenas à poesia: ornar as realidades políticas com os encantos do sentimento e da beleza. Ambos sabem bem que os homens são incapazes de se submeter à simples razão. As leis podem coagir; somente a poesia possui o dom de persuadir a cativar os corações (GRIMAL, 1997, p. 69).

A divulgação de obras poéticas, seja em lugares públicos ou em locais escolhidos especialmente para esse fim, era a maneira mais fácil de difundir idéias e sentimentos. Augusto aproveitou muito bem essa arma de livre acesso para firmar seu poderio, camuflado na exaltação da origem de seu povo, uma ideologia de revalorização de antigos princípios morais e religiosos, retroagindo ao passado clássico e direcionando ao tempo presente. Aproveitou o homem que se faz diante os outros em sua arte, para se diferenciar das criaturas humanas reconhecendo que Roma emana de um destino divino, e que ele possuindo essência divina é continuação da história, pois descende do *gens Iula* dos grandes homens fundadores da cidade, colocando-se assim, num espaço que é seu por direito, em virtude de sua geração. Os poetas deveriam induzir os romanos a reconhecê-lo como o “Desejado da Nação” depois de tantos anos de confrontos, a fim de que favorecer paz e estabilidade as divergências político-sócias.

Octaviano vai, pois, ter de construir a sua imagem política de uma forma totalmente distinta. Se nada podia no campo da intervenção na vida pública, nem do lado das instituições, das leis ou do poder instituído, volta-se para elementos menos comuns, mas não invulgares, no debate político: para motivos simbólicos retirados da herança cultural romana. E, de entre estes, têm um lugar preponderante os mitos concernentes à fundação da cidade (ALBERTO, 2004, P. 41).

Neste ambiente de reconstrução das origens da cidade e exaltação patriótica gerado pelo Príncipe, surge Tito Lívio⁸ (59 a .C. -17 d.C.) e Virgílio⁹ (70 a .C. -19 a .C.), prosador e poeta, respectivamente. Ambos nos falam dos tempos heróico e grandioso da fundação da cidade. Foram incentivados a produzirem obras que elevassem a fidelidade aos valores do Império Romano, defendidos por Augusto. Claro que, implícito estaria à elevação do

⁸ Nasceu em *Patavim* (hoje Pádua, rica cidade de Vêneto, conhecida pelo rigor de seus costumes), estabeleceu-se ainda jovem em Roma, crescendo em meio a guerras civis. Dedicou-se a contar a história de Roma, desde sua fundação até a atualidade que vivia. Conseguiu escrever 142 livros, mas apenas se conservaram 35. Cf.: TITO LÍVIO. *História de Roma*. Trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989. p.9-10.

⁹ Nasceu em 15 de outubro do ano 70 a . C., em Andes, aldeia próxima de Mântua. Já era famoso pelas *Bucólicas* e *Geórgias*. Cf.: PARATORE, Ettore. Op., cit., 1035, p.371-375.

soberano e legitimidade de seu poder. Para isso, o Príncipe *estava disposto a acolher o historiador que soubesse destacar esta continuidade do passado e seguir passo a passo o esforço de Roma para ela mesma se definir* (GRIMAL, 1997, p. 77), observou esta peculiaridade em Tito Lívio, que se identificava com o programa patriótico gerado pelo Imperador, *seja como for, eu me sentiria feliz em dar minha contribuição pessoal para a celebração dos altos feitos do maior povo do mundo* (LÍVIO, 1989, p. 17, vI)

Embora haja desaparecido a lembrança de nossos costumes civis e religiosos, pela preferência outorgada aos costumes novos e estrangeiros em detrimento das velhas instituições ancestrais, julguei que não me afastaria do tema de minha obra ao mencionar essas tradições nos próprios termos em que nos foram transmitidos e enunciadas (LÍVIO, 1989, p. 156, v. II).

Quando Tito Lívio descreve Rômulo, Numa, Tulo Hostílio, Anco Márcio e os demais homens que ficavam à frente de Roma, todos eles aparecem com responsabilidade de honrar as leis e seguir os costumes. Com a paz gerada, e Otávio aclamado pelo Povo e o Senado, caberia ao imperador o privilégio de dá continuidade a ordem, reafirmando a fundação divina que outrora seu fundador (Rômulo) teve. Reestruturar a cidade e enaltece-la esses foram os objetivos de Augusto, embora inicialmente mantivesse uma aparente liberdade. Em diversas passagens da obra de Tito Lívio verificamos a defesa de virtudes moralistas e explícita elevação da pátria, uma cidade que já tinha nascido grandiosa e deveria permanecer como tal, pois *o destino exigia a fundação desta grande cidade e a criação do maior império do mundo, abaixo do poder dos deuses* (LÍVIO, 1989, p. 25 v.I). Além de encontrarmos referências diretas ao próprio Augusto: o soldado repeliu e repelirá mil exércitos mais bem equipados do que o dos macedônios e o de Alexandre, desde que perdure o amor por essa paz na qual vivemos e a preocupação em manter a concórdia entre os cidadãos.

Uma das características que encontramos em toda obra de Tito Lívio é a exaltação da pátria, tão prezada pelo Príncipe. Em suas diversas histórias este prosador evidencia a grandiosidade dos valores sua cidade. Uns bons exemplos desta valorização encontram-se no relato sobre um conflito entre os horácios e os curiácios, onde a irmã de Horácio vê seu noivo curiácio morto entre os feridos e se debruça em lágrimas, provocando a cólera do irmão guerreiro Horácio que sacou a espada e transpassou a jovem dizendo essas palavras: *Vai-te com teu amor insano, vai unir-te ao teu noivo, tu que esquece teus irmãos, os mortos e o vivo, tu que esqueces tua pátria!*(LÍVIO, 1989, p. 55, v. I). Além disso, Horácio foi defendido pelo pai, que achou justa a morte da filha. Outro exemplo muito conhecido é a da jovem Lucrecia,

que após forçada pelo Sexto Tarquínio a ter relações com ele, não se achou mais honrada para viver e se matou, para que não servisse de mal exemplo as outras mulheres. Outro fato bem evidenciado por Lívio é a preservação dos cultos tradicionais religiosos que o príncipe estava tentando preservar, nas palavras de Paratore: *o único laço forte que o une à sociedade contemporânea é constituído pelo rígido moralismo de Augusto e pela sua tendência; e Augusto é, de fato, nomeado por ele a maior parte das vezes em relação com costumes religiosos* (PARATORE, 1035, p.457).

Como Paulo Peixoto nos coloca no prefácio de seu livro podemos extrair uma sólida lição de moral dos acontecimentos narrados por Lívio, visando a formação ético-moral dos cidadãos, garantindo a perpetuidade da grandeza romana, associadas às virtudes antigas tradicionais de seu povo. Mais do que informar ele aparece para formar os indivíduos (LÍVIO, 1989, p. 9-1255, v. I.).

Virgílio, sendo o maior poeta do tempo de Augusto, foi encorajado pelo Príncipe a contar *a história da sua gens e suas recentes campanhas políticas* (PARATORE, Op., cit., 1035, p.392). Na *Eneida* de Virgílio encontramos claras as intenções do imperador, pois esta foi uma epopéia encomendada diretamente por Augusto, objetivando cantar a glória e o poder de Roma. Parafraseando Grimal, a *Eneida* serviu de propaganda política, ao estabelecer um passado glorificante à cidade imperial, associado à heróica Tróia, até alcançar o sobrinho-neto de César, o *Princeps*.

Aprende comigo, ó filho, a virtude e trabalho honesto, a fortuna com os outros. Agora a minha destra te protegerá e te levará as grandes recompensas. Procura, logo que atingires a idade viril. Lembra-te disto, e, fazendo por seguir o exemplo dos teus, que te incite a lembrança de teu pai Enéias, de teu tio, Heitor (ENEIDA, p. 435, cap. XXII).

Mecenas observou que Virgílio poderia constituir uma lição de moralidade tradicional para a sociedade de sua época, então o estimulou a composição numa obra [*Eneida*] que podia encontrar fácil consonância com o programa moral e político de Octavio (PARATORE, Op., cit., 1035, p.25)

O herói Eneias relatado por Virgílio, destinado a fundar Roma era filho de Vênus e de Anquises, sendo antepassado da *gens Iula*, ao qual César e Augusto descendiam. Os relatos deveriam ter relação profética com o príncipe e seus feitos militares, sendo ele uma extensão da linhagem de heróis que restauraria Roma.

César Augusto, disse-lhe a alma do pai, “filho de um deus, que de novo há de instituir nos campos do Lácio, onde sustenta o mundo, faz girar sobre os ombros a abóbada presa às estrelas brilhantes” (ENEIDA, p. 133, cap.VI).

Além disso, aparece em sua narrativa referências ao Palatino, pressagiado a Rômulo antes de sua formação e sendo o local onde Augusto teve sua origem natural e que elevou o templo de seu divino protetor, Apolo. Assim como Tito Lívio fala diretamente de Augusto em sua obra, Virgílio também faz suas referências:

E tu, mãe, deusa augusta, não faltes ao filho;
 Hás de saber, caro filho, que sob os auspícios desse homem Roma há de o império da terra alcançar e subir até aos astros;
 Mas tu, Romano, aprimoras-te na governança dos povos. Essas são tuas artes, e mais: leis impor e costumes;
 Século de ouro! Foi como chamaram seu longo reinado, de tal maneira regia esses homens, em paz e harmonia;
 Não habitueis, caros filhos, os ânimos a essas discórdias, nem contra o seio da pátria encostai vossa espada homicida (ENEIDA, 133; 233; 132; 134; 167).

Segundo Paratore, a Eneida conseguiu chegar a elevar-se à dignidade de poema nacional itálico. Tão consagrado foi Virgílio e sua obra, que Rémio Palémon, no séc. I encorajou a introdução deste seu livro nas escolas, com o propósito de formação de pensamento aos jovens, e tal permaneceu pelos séculos (PARATORE, 1035, p. 402).

A epopéia virgiliana, ao dar uma forma perfeita a estas tradições, de alguma maneira gravava para sempre, como uma inesquecível lição de história, a narração dos acontecimentos que legitimaram o Império (GRIMAL, 1997, p. 62).

Parafraçando Grimal, Tito Lívio e Virgílio esculpiram uma imagem (talvez um mito) da alma romana, e esta imagem era precisamente aquela que desejava Augusto (GRIMAL, 1997, p. 78). Em Paratore, as passagens do livro I de Lívio e a Eneida se encontram (vinda de Eneias para a Itália), cogitando a possibilidade de Tito Lívio teria indo “beber” em sua inspiração Virgílio (PARATORE, 1035, p. 454).

Cabe ressaltar que estas obras foram produzidas em um determinado período e espaço social específico. Estes escritores, assim como os outros de sua época, apoiavam-se em tradições e em valores diferentes dos nossos. Devemos, então, considerar que cada discurso difundido está ligado a esta realidade das intenções de sua produção. Assim, fez-se necessário que encontrarmos a justificativa dessas obras, tentando decifrar o que estaria por trás dessas produções literárias, descobrindo finalmente quais eram seus propósitos, que só podem ser

entendidos devidamente quando postos num jogo de correlação. É inevitável concluir que, embora estas obras tenham sido produzidas através do interesse de Mecenas e do próprio Augusto, suas ações no intuito de agrupar os melhores poetas da época na cidade de Roma e o período de paz com ascensão do príncipe, abriram espaço para que a literatura alcançasse um grande desenvolvimento. Chegando ao seu apogeu, ficou conhecido como *O Século de Ouro da Literatura Latina*.

Enfim, o fato é que o grande desenvolvimento literário possibilitou construirmos o contexto social, político, econômico, religioso e filosófico da civilização Romana, entre outros aspectos, levando-nos a conhecermos o passado, sendo esta uma das formas que a História nos possibilita deslumbrar

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Raymundo Carlos Bandeira. **História Geral**. 1º grau. São Paulo: Atual, 1991. 177p.

CHÂTELET, François. **História das idéias políticas**/François Châtelet, Oliver Duhamel, Evelyne Pisier-Kouchner. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GRIMAL, Pierre. **O século de Augusto**. Trad.: Rui Miguel Oliveira Duarte, Lisboa: edições 70, 1997. 111p.

_____. **El Segundo Nascimento de Roma**. Trad.: Hugo Francisco Bauzá. 1º ed. em francês em 1985. Buenos Aires, EUDEBA, 1987. 25-58p.

_____. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

SOUSA, Osvaldo Rodrigues de. **História Geral**, 19ª ed. São Paulo, Ática, 1980, 376p.

PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Trad.: Manuel Losa, S.J.ed. Fundação Calouste Gubbenkian, Lisboa: 13ª reimpressão, 372-459p.

FONTES

LÍVIO, Tito. **História de Roma**. Trad.:Paulo Matos Peixoto. 1ª edição, São Paulo: Editora Paumape S.A, 1989, 457p.

SUETÔNIO. **O Divino Augusto**. Trad.: Agostino da Silva. ed. Belo Horizonte, Lisboa 1975, 96p.

VERGÍLIO. **Eneida**. Trad.: Tarsilo Orpheu Spalding, São Paulo:Cultrix, 1981, 280p.